

O jogo de Mancala e práticas pedagógicas antirracistas e decoloniais: uma revisão de literatura

Mariana Lettieri Ferreira

Introdução

O presente capítulo pretende apresentar uma revisão de literatura de produções acadêmicas que relacionam o ensino do jogo de tabuleiro originário do continente africano “Mancala” (nas suas diversas variações) e práticas pedagógicas decoloniais, contra hegemônicas e antirracistas, amparadas pela lei 10.639/03.

A estrutura que adotamos é uma breve introdução com a motivação para realização desta pesquisa, a seguir um referencial teórico que embasa a investigação, posteriormente iremos apresentar a revisão de literatura propriamente dita e finalizaremos com a discussão acerca dos achados.

Esta proposta de revisão de literatura integra a pesquisa da autora em andamento, em nível de doutorado em Educação, na Universidade Federal de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Lucila Pesce. A pesquisa tem como temas de interesse os estudos decoloniais e práticas pedagógicas contra hegemônicas e antirracistas, na Secretaria Municipal de Educação.

Não pretendemos nos alongar nessa contextualização, mas é importante apresentar brevemente que, dentre as propostas desta Secretaria, há o “Programa Jogos de Tabuleiro”, no qual o jogo escolhido para representar o continente africano é o “Mancala Awelé”. Como a prática com esse jogo fomenta discussões sobre a cosmovisão africana está imbricada nele, há a possibilidade de não perpetuar uma visão estereotipada dos pa-

íses do continente africano, além de permitir práticas amparadas na pedagogia crítica e estudos decoloniais. É desse lugar que surge o interesse da pesquisadora, autora do presente capítulo, em observar as tendências de pesquisas que se utilizam do jogo de modo contextualizado, e não somente o “jogo pelo jogo”. Cumpre notar que o referido estudo integra o projeto de pesquisa com fomento CNPq da professora doutora Lucila Pesce, intitulado “Dispositivos digitais, Paulo Freire e decolonialidade: confrontos e avanços nos processos formativos”, vinculando-se especificamente à proposta número dois: “Linguagem hipermídia e práticas sociais contemporâneas: consistências e fragilidades na formação de professores da educação básica” da linha de pesquisa “Formação de Educadores e Cibercultura”.

Quadro teórico de referência

Ao tratar do multiculturalismo e educação, Candau (2013) inicia seu argumento dizendo que “[...] não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa.” (p.13). Freire (2018) enfatiza que “[...] a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo.” (p.216). Nesse sentido, é necessário que haja um movimento de trazer essas culturas para o ambiente escolar. Culturas essas que muitas vezes não estavam presentes no cotidiano dos nossos estudantes. Essa relação entre cultura e educação está muito presente na pedagogia crítica e nos estudos decoloniais e motiva a investigação acerca das pesquisas acadêmicas que tratam do jogo do continente africano “Mancala Awelé”, de uma maneira a enriquecer as práticas pedagógicas que apresentem e trabalhem com o continente africano de modo plural e que amplie as discussões e conhecimentos, para que haja um rompimento com ideias preconceituosas e estereotipadas. Ainda se-

gundo Freire (2018), o trabalho pautado na multiculturalidade “[...] demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças.” (p. 216).

Em seu livro “Como ser um educador antirracista” Pinheiro (2023) nos diz que “A educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos.” (p. 20), e é inegável que há muito os conhecimentos dos países do continente africano foram apagados, minimizados, atribuídos a outras culturas de prestígio, ou conforme cunhado por Boaventura de Sousa Santos (2009), sofreram o epistemicídio.

Referindo-se à Sacristán (2001), Candau (2013) aponta a necessidade de romper com a consciência homogeneizadora, padronizadora e monocultural da escola. É fulcral que reconheçamos a diversidade de sujeitos que constituem as escolas, e que essas escolas, por sua vez, estão inseridas em contextos diversos, dessa forma só é possível pensarmos em formação docente e práticas pedagógicas para o atendimento das demandas que emanam destas especificidades. A autora ainda argumenta que:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (Candau, 2013, p. 23)

O reconhecimento do/a “outro/a” fomenta nossa constituição enquanto indivíduos e sujeitos discursivos, e se coaduna com os conceitos freirianos de dialogismo e da

pedagogia crítica. De acordo com o patrono da educação brasileira, a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade (Freire 2019a, 2019b). A negociação de que nos fala Candau (*ibid.*) é positiva e necessária no processo de ensino e aprendizagem, além da importância de espaços que permitam e incentivem a criticidade, no sentido de questionar os saberes que são socialmente prestigiados em detrimento de outros.

hooks (2020), em seu “ensinamento” sobre descolonização, alerta para a necessidade de nós, educadores, estarmos atentos de maneira crítica ao bombardeio diário da mentalidade colonizadora. Isso exige um engajamento constante em novas maneiras de ser e pensar. Segundo a autora, ao referir-se aos contextos universitários:

Nós, que trabalhamos em educação, somos especialmente afortunados, porque, individualmente, podemos atuar contra o reforço da cultura do dominador e dos preconceitos com pouca ou nenhuma resistência. [...] Nossa maior dificuldade é compartilhar conhecimento a partir de um ponto de vista sem preconceito e/ou descolonizado com estudantes que estão tão profundamente envolvidos na cultura do dominador que não se abrem a aprender novas formas de pensar e de saber. (hooks, 2020, p. 57)

Revisão de literatura

Se pensarmos nas pesquisas aqui elencadas, podemos observar de que maneira o jogo vem sendo trabalhado em diferentes momentos, localidades e contextos como um dos artifícios para questionar as culturas dominantes e compartilhar conhecimentos de forma descolonizada. Na discussão dos achados retomaremos alguns pontos apresentados nestes

parágrafos dedicados aos teóricos que discorrem sobre os estudos decoloniais, pedagogia crítica e multiculturalismo, com vistas a embasar a reflexão realizada.

As bases de dados utilizadas foram a “Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)”¹ e o “Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES - Plataforma Sucupira”² com o descritor “Jogo de Mancala”. Na primeira plataforma a pesquisa retornou em dezenove resultados, enquanto na segunda foram onze resultados elencados, dos quais seis já haviam aparecido na BDTD, totalizando em vinte e quatro produções acadêmicas sobre o assunto.

Os resultados que não iremos contemplar nesta revisão de literatura são os que não realizam uma interface entre o jogo de Mancala e a pedagogia decolonial, portanto são eles: um trabalho que não mencionava o Jogo de Mancala, um trabalho sobre as implicações da transposição do tabuleiro físico cavado no chão para o formato digital, três trabalhos que tratam das dificuldades de aprendizagem ou dificuldades matemáticas, cinco produções referentes ao processo de ensino-aprendizagem matemática e práticas pedagógicas relacionadas a esta área do conhecimento somente.

No quadro a seguir elencamos os quatorze trabalhos que possuem aderência ao que nos propusemos neste capítulo.

¹ Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 25 out. 2024.

² Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 25 out. 2024.

Quadro 1 - Pesquisas elencadas para a revisão bibliográfica

Título	Pesquisador	Instituição	Tipo de trabalho	Grau e área	Ano
Um caminho para a África são as sementes: histórias sobre o corpo e os jogos africanos mancala na aprendizagem da educação das relações étnico-raciais	Silva, Elizabeth de Jesus da	Universidade Federal da Bahia	Dissertação	Mestrado em Educação	2010
O jogo africano Mancala e o ensino de Matemática em face da Lei 10.639/03	Pereira, Rinaldo Pevidor	Universidade Federal do Ceará	Dissertação	Mestrado em Educação	2011
O jogo em jogo: educação das relações étnico-raciais e a compreensão das regras por crianças quilombolas	Volski, Verônica	Universidade Estadual do Centro-Oeste	Dissertação	Mestrado em Educação (Mestrado - Irati)	2015

Potencialidades do Jogo Africano Mancala IV para o campo da educação matemática, história e cultura africana	Pereira, Rinaldo Pevidor	Universidade Federal do Ceará	Tese	Doutorado em Educação	2016
O ensino de matemática através de jogos educativos africanos: um estudo de caso em uma turma de educação de jovens e adultos (EJA) de uma escola municipal de Aracaju	Barreto, Gláucia Bomfim Barbosa	Universidade Federal de Sergipe	Dissertação	Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática	2016
Revista África e Africanidades: educação antirracista na perspectiva de docentes da educação básica	Santos, Nágila Oliveira dos	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Dissertação	Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares	2017

Jogos e corpos na educação das relações étnico raciais: os jogos africanos no ensino regular e de tempo integral em escola pública da Bahia/Brasil	Silva, Elizabeth de Jesus da	Universidade Federal da Bahia	Tese	Doutorado em Educação	2018
História da Matemática: A interdisciplinaridade e o lúdico pedagógico na aprendizagem em Matemática	Ribeiro, Denise Aparecida Enes	Universidade Estadual da Paraíba	Dissertação	Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática	2019
Jogo Mancala como possibilidade de implementação da Lei 10639/03 no curso de Licenciatura em Educação Física do IFCE campus Juazeiro do Norte	Carvalho, Luciano das Neves	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Dissertação	Mestrado em Educação Agrícola	2019

A Afroetno-matemática na educação básica: uma proposta de abordar a cultura africana por meio da utilização de jogos na educação básica	Correia, Celso Pinheiro	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Dissertação	Mestrado em Educação em Ciências e Matemática	2020
Saberes populares da Etnomatemática numa cosmovisão africana: contribuições à Etnociência	Resplande, Cleiton da Silva	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Dissertação	Mestrado em Educação em Ciências e Matemática	2020
O jogo mancala Ayò na escola pluricultural Odé Kayodê: diálogos entre a etnomatemática e a decolonialidade	Campelo, Adriana Ferreira Rebouças	Universidade Federal de Goiás	Dissertação	Mestrado em Educação em Ciências e Matemática	2021
O potencial dos jogos da família mancala para um ensino de matemática antirracista	Silva, Suzi Alves	Universidade Federal de Alagoas	Dissertação	Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática	2022

nos anos iniciais do Ensino Fundamental					
Semeando saberes africanos nas aulas de matemática: Os jogos de Mancala pelas narrativas docentes	Lourenco, Julio Omar da Silva	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Dissertação	Mestrado em Educação em Ciências e Saúde	2023

Fonte: produzido pela pesquisadora

Silva (2010) apresenta uma experiência de utilização de jogos africanos mancala para mediar a aprendizagem de história e cultura africana em uma escola pública da Bahia. A pesquisadora utiliza três elementos para investigar as potencialidades dos jogos, a saber: corpo, jogo e conhecimento. A partir desses três elementos a pesquisadora vai construindo as suas reflexões, no caso da corporeidade a possibilidade a partir do jogo de novas expressões e movimentos. No que se refere ao jogo, aponta para uma possível ruptura com visões estereotipadas de África, o que é descrito como uma possibilidade de conhecimento da cultura e histórica do continente, permitindo outras visões.

Pereira (2011) realizou uma pesquisa de intervenção com entrevistas e ações pedagógicas em sala de aula utilizando o jogo Mancala Awelé como uma maneira de ensinar matemática e implementar a Lei 10.639/03. A pesquisa realizada em duas escolas municipais no Espírito Santo, apresentou, dentre os

achados, a possibilidade de aulas interativas, a mudança de postura do docente no que se refere ao ensino de matemática, além da construção de conhecimentos matemáticos, históricos e culturais afro-brasileiros. Ainda apresenta a motivação para aprendizagem da disciplina curricular, bem como o aumento de autoestima dos estudantes negros.

Volski (2015) empreendeu uma pesquisa exploratória, utilizando do método clínico de Piaget como estratégia metodológica para responder à problemática que motivou o estudo: os jogos de regras para contemplar, concomitantemente, o desenvolvimento da consciência e prática de regras sociais e o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira. A investigação foi realizada em uma escola de uma comunidade quilombola no Paraná. Foram utilizados dois jogos, a saber, Matacuzana e Mancala.

Na continuidade do trabalho realizado em 2011, Pereira (2016) propôs uma pesquisa exploratória etnográfica em três cidades da província de Nampula em Moçambique para investigar as potencialidades de outra variação do Mancala (denominado Mancala IV), para a educação matemática, ensino de história e cultura africana. Neste trabalho, portanto, o pesquisador dedicou-se à apresentação do lócus de pesquisa, bem como suas práticas culturais, os jogos Mancala IV e aspectos sociais e filosóficos imbricados nos jogos de covas, e as potencialidades matemáticas.

Barreto (2016) apresenta um estudo de caso com intervenção pedagógica com alunos de uma turma do 1º ciclo da EJA em uma escola municipal de Aracaju. Utilizando-se da variação "Ouri" do jogo de Mancala. O *corpus* da pesquisa consistiu em entrevistas semiestruturadas, aplicação de exercícios matemáticos antes e depois da intervenção pedagógica com o jogo, diário de campo e livre observação. O grande enfoque na pesquisa

é o ensino de matemática, e não tanto os aspectos históricos e culturais do continente africano.

A análise das produções de docentes da Educação Básica publicadas na Revista *África e Africanidades* entre 2008 e 2016 foi o que Santos (2017) realizou em sua dissertação de mestrado. Neste trabalho há a menção do jogo Mancala, mas o grande enfoque incide sobre as práticas pedagógicas que tratam da história e cultura africana e afro-brasileira pautadas na perspectiva da educação antirracista, intercultural e decolonial, considerando os desafios e possibilidades da aplicação da lei 10.639/03.

Em sua tese de doutorado, Silva (2018) realizou uma experiência pedagógica em uma escola da rede pública Estadual em Salvador/Bahia objetivando responder às demandas e questionamentos no ensino sobre o continente africano, utilizando-se de jogos tradicionais como instrumentos mediadores. Dentre os achados, destaca-se a eficácia da mediação realizada através dos jogos tradicionais africanos nas rupturas de estereótipos relacionados a esta cultura. Somado a isso, a autora aponta para as socializações profícuas e as possibilidades de conhecimento conceitual e científico da história africana e relações como o nosso país, além das questões identitárias que também se sobressaíram.

Ribeiro (2019) analisou de que modo a utilização de atividades de ensino de natureza interdisciplinar e lúdico-pedagógicas, partindo da História da Matemática, contribui para a melhoria da aprendizagem em Matemática. A pesquisa no formato de minicurso em uma escola pública da região do Cariri Cearense, utilizou, dentre outros jogos, a Mancala. Segundo a pesquisadora, a interdisciplinaridade e o uso de lendas de caráter histórico, associadas à ludicidade dos jogos, além de promoverem motivação na aprendizagem, colaboram

na superação de visões eurocentristas relacionadas à Matemática.

Saindo um pouco da esfera da educação básica, Carvalho (2019) empreendeu uma pesquisa-intervenção junto aos estudantes do curso de licenciatura em Educação Física em um Instituto Federal no Ceará. A inquietação do pesquisador surgiu na observação do esvaziamento das discussões étnico-raciais do currículo da formação de professores, e o possível impacto no contexto escolar. Utilizando-se do jogo Mancala como um elemento agregador nas discussões, o pesquisador procurou trabalhar o reconhecimento e valorização de ações afirmativas no cotidiano escolar, bem como a educação para a diversidade, sustentado por Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, entre outros autores que tratam de questões étnico-raciais.

Correia (2020) procurou ressignificar o imaginário simplista, folclórico e preconceituoso acerca das origens africanas e influência na formação da identidade brasileira a partir do uso de jogos deste continente no ensino de matemática para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. A motivação, para além do atendimento à lei 10.639/03, foi um ensino dialogal com contextos étnico-raciais e demais conteúdos trabalhados na escola, embasado na Abordagem Etnomatemática. O pesquisador ainda destaca a possibilidade de um ensino de Matemática de uma forma mais contra-hegemônica e não eurocêntrica, o que poderia criar contextos de aprendizagem significativos.

Utilizando da metodologia de pesquisa-ação, Resplande (2020) intersecciona o ensino de matemática e ciências com propostas que revelam africanidades presentes nessas áreas do saber e que são raramente encontradas nos planejamentos docentes e em livros didáticos. Para isso, o pesquisador produziu materiais que contemplassem princípios da etnociência e da et-

nomatemática, utilizando um jogo pedagógico. A intervenção foi realizada junto a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal no Rio de Janeiro, com o destaque para a presença majoritária de indivíduos negros que não se reconheciam como descendentes do continente Africano, tido como berço da humanidade.

Campelo (2021) teve como intenção principal a compreensão e identificação de conhecimentos Etnomatemáticos presentes no jogo africano Mancala/Ayò, em uma escola Pluricultural no Espaço Cultural Vila Esperança, em Goiás. Através da produção de um diário de campo que registrou as práticas com o jogo, e propostas de rodas de conversa com os estudantes de 1º a 5º anos do Ensino Fundamental, a pesquisadora foi tecendo sua dissertação com conceitos teórico-conceituais nas áreas de Etnomatemática, interculturalidade e estudos decoloniais e as observações realizadas. Além disso, destaco a breve menção às práticas com o jogo na Rede Municipal de São Paulo, publicadas no documento “Mancala Awelé - Coleção Jogos de Tabuleiro” (São Paulo, 2020).

A pesquisadora Silva (2022) teve como questão norteadora de sua pesquisa “Quais as potencialidades do jogo awelé, da família mancala, para o desenvolvimento de práticas de ensino de matemática antirracistas, no contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental?”. Utilizando-se das metodologias de pesquisa: estudo teórico-bibliográfico, pesquisa exploratória e pesquisa participante, Silva desenvolveu uma Sequência Didática (SD) para crianças do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Arapiraca - AL, que mobilizou conhecimentos matemáticos com o foco no combate antirracista. Em virtude do contexto pandêmico, a SD foi aplicada junto aos estudantes de um curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas, com uma posterior entrevista coletiva

junto a esses participantes, para captar as concepções após a aplicação.

Utilizando-se das narrativas de professoras e professores de matemática, sobre a utilização de jogos africanos da família do Mancala, com vistas à promoção de potencialidades desenvolvidas com tais jogos e o não apagamento cultural, Lourenço (2023) produziu sua investigação com referenciais teóricos sobre Movimento Negro, políticas e ações afirmativas, colonialidade do saber, epistemicídio, mito da democracia racial, com intuito de analisar as narrativas dos docentes. Dentre os achados, o pesquisador apresenta as contribuições e verificação de potencialidades apresentadas a partir da utilização destes jogos, numa perspectiva de currículo plural, que valoriza outras culturas, de modo a romper as formas de colonialidades impostas por práticas curriculares eurocentradas.

Primeiramente gostaria de discorrer sobre o marco temporal das pesquisas, no qual a mais antiga é de 2010 até produções mais recentes, de 2023. É interessante observar a possível relação entre a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas e a necessidade de inserção nas diferentes áreas do conhecimento, inclusive quase em todas os estudos apresentados, com exceção de dois trabalhos, há a menção à esta legislação. Um segundo ponto de atenção são as pesquisas voltadas para o ensino de matemática, uma vez que os jogos de tabuleiro costumam figurar entre os recursos pedagógicos para o ensino desse campo do conhecimento, por estarem associados às habilidades de lógica, concentração, contagem, estratégia, entre outras.

Inclusive, é oportuno observar que, ainda no que se refere ao ensino de matemática, é frequentemente associado às teorias que fundamentam a etnomatemática, termo cunhado pelo pesquisador Ubiratan D'Ambrósio na década de 1970, que engloba os conhecimentos matemáticos numa perspectiva mais

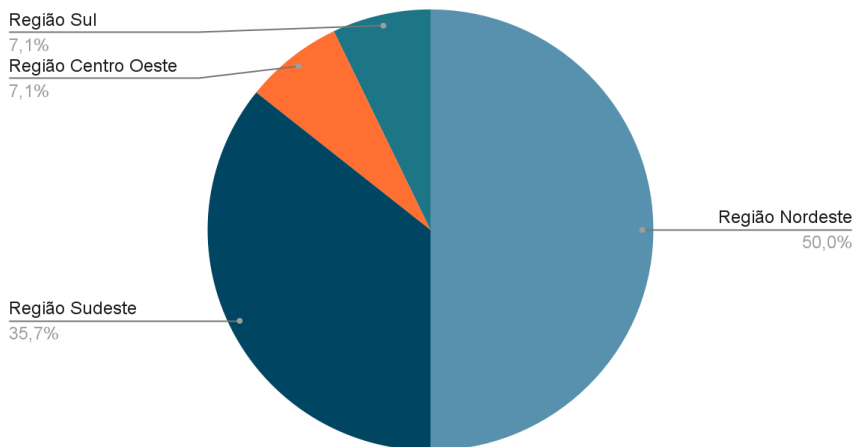
antropológica, social e menos eurocêntrica, que segundo Santos (2015) “[...] tem o intuito de explicar, conhecer e entender saberes e fazeres de distintos povos. (D’Ambrosio, 2009, p. 60)”. É um modo de pensar o conhecimento matemático de uma forma menos fechada, por assim dizer, e que considera os diferentes saberes e fazeres de diferentes povos. Nesse sentido, geralmente há a relação entre a etnomatemática e a perspectiva dos estudos decoloniais.

A maior parte das pesquisas foi realizada no nível de mestrado, porém, é interessante observar que as duas incidências no doutorado são propostas com vistas ao aprofundamento das investigações previamente iniciadas. Silva (2010, 2018) concentrou-se no uso dos jogos africanos e relações com o corpo e o ensino de culturas dos países do continente Africano, enquanto Pereira (2011, 2016) realizou a interface entre o ensino de matemática, história e culturas africanas.

É interessante observar que há uma variedade nas pesquisas no que diz respeito aos contextos de aplicação do jogo. Desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, passando pela Educação de Jovens e Adultos e o Ensino Superior. Outro ponto que chamou a atenção é a distribuição geográfica das pesquisas, como podemos observar no gráfico a seguir. A maioria está concentrada nas Universidades dos Estados da Região Nordeste, seguido da região Sudeste. Ainda assim, chama a atenção o fato de as pesquisas da região Sudeste estarem concentradas apenas no Estado do Rio de Janeiro. Na região Sul, uma Universidade no Estado do Paraná e na região Centro-Oeste no Estado de Goiás. No caso da pesquisa realizada na região Sul, o contexto foi uma escola em uma comunidade quilombola.

Gráfico 1 - Distribuição Geográfica das Pesquisas

Distribuição Geográfica das Pesquisas



Fonte: produzido pela pesquisadora

As investigações foram realizadas majoritariamente em contextos públicos, sejam escolas de educação básica quanto superior (Instituto Federal), além de propostas documentais a partir de levantamento bibliográfico de produções docentes. Também houve uma incidência com o lócus da pesquisa em Moçambique, país do continente africano.

Retomando as ideias apresentadas no início deste texto, ao tratarmos de conceitos como o multiculturalismo e os estudos decoloniais, acreditamos que as pesquisas aqui elencadas podem oferecer subsídios para a formação docente, por exemplo, através da apresentação de experiências, nos mais diversos contextos e proposições. hooks (2017) enfatiza o quão necessário são os locais de formação docente para um trabalho com um currículo multicultural.

É preciso instituir locais de formação onde os professores tenham a oportunidade de expressar seus temores e ao mesmo tempo aprender a criar estratégias para abordar

a sala de aula e o currículo multiculturais. (hooks, 2017, p. 52)

Para a educadora estadunidense, os docentes carecem de uma abertura a um trabalho cujo reconhecimento dos “diferentes códigos culturais” fomente tanto neles quanto nos estudantes, dentro desse contexto multicultural que vivemos, a possibilidade de partilha e aprendizado para aceitação das “[...] diferentes maneiras de conhecer, novas epistemologias.” (hooks, 2017, p.59). É a partir deste reconhecimento que as transformações que almejamos poderão acontecer nos espaços escolares.

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora. (hooks, 2017, p. 63)

O movimento de investigar os trabalhos que vêm sendo realizados com o jogo de Mancala dentro de uma perspectiva que agrega os conhecimentos do continente Africano imbricados nesse recurso é produtivo e faz-se necessário, especialmente se levarmos em consideração que há duas décadas da

promulgação da lei 10.639/03 ainda lutamos diariamente na nossa sociedade e nas nossas escolas com os preconceitos, estereótipos, racismo, colonialismo e epistemicídio associados aos países deste continente. Inclusive em 2023 foi realizado um estudo a partir de uma parceria entre o Instituto Alana e Geledés (Instituto da Mulher Negra) intitulado “Lei 10.639: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira”³ e os dados apresentados são preocupantes. Primeiro que a pesquisa foi realizada junto às Secretarias Municipais de Educação, por ser o segmento com maior número de matriculados. Apenas 21% das redes municipais responderam ao questionário, e dentre os achados, chama a atenção os seguintes dados:

A maioria das redes que respondeu à pesquisa afirmou que realiza ações para apoiar as escolas e que suas unidades de ensino colocam os conteúdos em seus PPPs. Nesse sentido, 57% disseram que oferecem formação aos profissionais de educação, porém, é baixo o número de secretarias que acompanham os indicadores de desempenho e desigualdades educacionais divididos por raça/cor. Vale ressaltar que a maioria das ações relatadas são pontuais e estão concentradas em novembro, mês em que se celebra o Dia da Consciência Negra. (Benedito, Carneiro e Portella, 2023, p.48, grifo da publicação)

De acordo com as secretarias, os principais desafios para a implementação da Lei 10.639/03 são:

- _ ausência de apoio;
- _ falta de conhecimento sobre como aplicar o ensino;
- _ baixo engajamento e/ou desinteresse dos profissionais nas escolas. (Benedito, Carneiro e Portella, 2023, p.61)

³ Disponível em: Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Acesso em: 29 agosto 2025

A tomada de consciência como educadores/as em um mundo multicultural é fundamental para que não sejam perpetuados pontos de vista parciais e preconceituosos, conforme mencionado anteriormente nas palavras de hooks (2017). Nesse sentido, esperamos que a presente revisão de literatura possa oferecer uma singela contribuição aos/às formadore/as de professores/as e docentes, para pensarem em possibilidades para práticas antirracistas e decoloniais, utilizando-se da ludicidade do jogo de Mancala para fomentar as discussões sobre o continente africano.

Referências

BARRETO, Gláucia B. B. *O ensino de matemática através de jogos educativos africanos: um estudo de caso em uma turma de educação de jovens e adultos (EJA) de uma escola municipal de Aracaju*. 2016. 136 f. Dissertação (Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

BENEDITO, Beatriz S.; CARNEIRO, Suelaine; PORTELLA, Tânia. [orgs.]. Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afrobrasileira / [organização Beatriz Soares Benedito, Suelaine Carneiro, Tânia Portella]. São Paulo, SP. *Instituto Alana*, 2023. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2023/04/lei-10639-pesquisa.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

CAMPELO, Adriana. F. R. O jogo mancala Ayò na escola pluricultural Odé Kayodê: diálogos entre a etnomatemática e a decolonialidade. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

CANDAU, Vera M. (2013). Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10. ed. Petrópolis: Vozes, p.13-37.

CARVALHO, Luciano. N. Jogo Mancala como possibilidade de implementação da lei 10639/03 no curso de licenciatura em educação física do IFCE campus Juazeiro do Norte. 2019, 44 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.

CORREIA, Celso. P. A Afroetnomatemática na educação básica: uma proposta de abordar a cultura africana por meio da utilização de jogos na educação básica. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 24. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

hooks, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2017.

hooks, Bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Trad. Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

LOURENÇO, Júlio. O. S. *Semeando saberes africanos nas aulas de matemática: os jogos de mancala pelas narrativas docentes*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde. Programa de Pós-graduação em Ciências e Saúde. Rio de Janeiro, 2023.

PEREIRA, Rinaldo. P. *O jogo africano mancala e o ensino de matemática em face da Lei 10.639/03*. 2011. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2011.

PEREIRA, Rinaldo. P. *Potencialidades do Jogo Africano Mancala IV para o campo da educação matemática, história e cultura africana*. 2016. 323f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

PINHEIRO, Bárbara Carine S. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RESPLANDE, Cleiton. S. *Saberes populares da Etnomatemática numa cosmovisão africana: contribuições à Etnociência*. 2020. 239 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

RIBEIRO, Denise. A. E. *História da Matemática: A interdisciplinaridade e o lúdico pedagógico na aprendizagem em Matemática*. 2019. 102f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática - PPGECM) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

SACRISTÁN, Jimeno G. Políticas de la diversidad para una educación democrática igualadora. in: Sipán Compañe, A. (org.). *Educar para la diversidad en el siglo XXI*. Zaragoza (Espanha): Mira, 2001.

SANTOS, Nágila. O. *Revista África e Africanidades: educação antirracista na perspectiva de docentes da educação básica*. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu / Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

SANTOS, Jonatha D. Etnomatemática na perspectiva de Ubirantan D'Ambrosio. *Revista Partes*. Disponível em: https://www.partes.com.br/2015/12/27/etnomatematica-na-perspectiva-de-ubirantan-dambrosio/#_ftn1. Acesso em: 15 jan. 2025.

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados. Mancala Awelé. [livro digital] – São Paulo : SME / COCEU, 2020. (Coleção Jogos de Tabuleiro, v. 3). Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/jogos-de-tabuleiro-mancala-awele/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SILVA, Elizabeth de Jesus. *Um caminho para a África são as sementes: histórias sobre o corpo e os jogos africanos Mancala na aprendizagem da educação das relações étnico-raciais*. Dissertação (Mestrado em Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2011. Salvador, 2011.

SILVA, Elizabeth de Jesus. *Jogos e Corpos na educação étnico raciais*: os jogos africanos no ensino regular e de tempo integral em escola pública da Bahia/Brasil. 364p. il. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

SILVA, Suzi Alves. *O potencial dos jogos da família Mancala para um ensino de matemática antirracista nos anos iniciais do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em ensino de ciências e da matemática) - Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação. Maceió, 2022.

VOLSKI, Verônica. *O jogo em jogo*: educação das relações étnico-raciais e a compreensão por crianças quilombolas. 2015. 124 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado - Irati) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava - PR.